

PIRES, Flávia Ferreira. *Quem tem medo de mal-assombro? Religião e infância no semiárido nordestino*. Rio de Janeiro; João Pessoa: UFPB, 2011, 278pp.

## INFÂNCIA, RELIGIÃO E MAL-ASSOMBRO NO NORDESTE BRASILEIRO

*Rodrigo Otávio Serrão Santana de Jesus*

Em *Quem tem medo de mal-assombro*, Flávia Pires (antropóloga e professora da UFPB), realiza uma ampla pesquisa etnográfica acerca do processo de tornar-se adulto e, conseqüentemente, de tornar-se pessoa religiosa, na cidade de Catingueira, localizada na região do semiárido nordestino. Em seu percurso, a pesquisa se volta ao fenômeno do mal-assombro e a seu papel no processo de cristianização dos catingueirenses. A pesquisa também aponta para a diferença entre a percepção de mal-assombro e da religião entre a criança e o adulto e como as diferentes faixas etárias das crianças acentuam essa diferença e afetam sua percepção.

O livro é o resultado de uma tese de doutorado, defendida em 2007 no Museu Nacional/UFRJ, que contou com treze meses de trabalho de campo, sob orientação do professor Otávio Velho. É de Velho o prefácio que destaca a importância da pesquisa e a sensibilidade empenhada no trabalho, ao ressaltar que: “já aí se revela o seu talento de pesquisadora, atenta às idas e vindas do trabalho de campo, [...] capaz de mobilizar todos os recursos disponíveis para tratar de tema da infância, [...] mui pouco explorado na literatura antropológica” (:13). A orelha do livro foi escrita pela professora Léa Freitas Perez afirmando que o livro ecoa o convite feito por Michel Leiris em *Le Sacré dans la vie quotidienne*, “a entrar no mundo do sagrado infantil”.

A escolha da cidade remete ao passado da pesquisadora quando fora visitar a cidade natal de seu pai (Catingueira) aos oito anos de idade. Em Catingueira, ela teve uma experiência misteriosa com um elemento inexplicável, que entendeu ser a Morte. Desde o ano de 2000, a autora estuda as festas religiosas, as crianças e os fenômenos chamados de mal-assombro naquela cidade.

Em sua estrutura, o livro é composto por cinco capítulos sempre finalizados por uma conclusão/resumo.

Já na introdução, a pesquisadora deixa claro alguns aspectos da pesquisa que lançam luz ao restante do livro. Primeiramente, o estudo tem como foco

prioritário as crianças – sem, porém, ignorar o universo dos adultos. O ambiente social em que a criança está imersa é o fator fundamental da pesquisa: “as ideias das crianças aqui são levadas a sério” (:23). A pesquisadora afirma que “se a experiência infantil só pode ser entendida quando se torna adulto, parece-me errôneo chamá-la de experiência infantil” (:230), ou seja, as experiências religiosas infantis e seus discursos são tomadas como dados de análise de caráter elucidativo para a pesquisa. E por fim, ressalta-se a intenção de se destacar as semelhanças das religiões cristãs abordadas (católica, evangélica e espírita) ao invés das diferenças. Entre essas semelhanças estão o costume de “pedir a bênção”, a prática das orações e o medo de mal-assombros.

No primeiro capítulo, a pesquisadora expõe a metodologia usada na pesquisa. Duas técnicas se destacam das demais para a pesquisa: observação participante e a análise de desenhos infantis associados a redações.

Ambas as técnicas, quando conjugadas, ajudam no processo interpretativo e favorecem a inclusão dos adultos na pesquisa. Os desenhos são categorizados em três tipos: livres, temáticos e temáticos controlados. Os desenhos livres não têm temas definidos – as crianças são livres para desenhar o que elas querem. Os desenhos temáticos são desenhos feitos a partir de vários temas sugeridos às crianças. E os temáticos controlados são desenhos feitos a partir de dois temas: “a minha religião” e o “mal-assombro”, com um número fixo de crianças (vinte) e a faixa etária definida (de 3 a 18 anos de idade).

A segunda etapa do método é a interpretação dos desenhos por faixa etária. A tarefa da pesquisadora é de “observar, em um único momento, como as crianças de variadas faixas etárias compreendiam um determinado assunto” (:53), de maneira que os dados são observados de forma individualizada entre as faixas etárias (olhar datado e específico) e de forma coletiva (olhar diacrônico). O resultado é a obtenção de um “panorama geral que contém as diferenças na percepção do tema proposto em relação a todas as idades em questão” (:54).

O segundo capítulo apresenta a cidade de Catingueira. A pesquisadora descreve com riqueza de detalhes os vários aspectos da cidade, entre eles a geografia, os costumes, a cultura local, a economia e a religiosidade. A fundação da cidade de Catingueira data de 1887, quando: “o lugarejo que se constituía recebeu o nome de ‘São Sebastião da Catingueira’, em virtude do milagre alcançando” (:64). O milagre atribuído a São Sebastião foi o livramento da população de adoecimento e morte por cólera. Em contrapartida, os habitantes deveriam construir uma capela e consagrar grande parte do vilarejo ao santo. Para cumprir a promessa, quatro famílias tiveram que doar parte de suas posses para o santo. Por isso, a Igreja católica ainda é detentora de terras em Catingueira. A cidade ainda conta com três igrejas evangélicas e um centro espírita kardecista. O capítulo também descreve os papéis sociais tanto das crianças como dos adultos (e a relação entre os dois grupos) na sociedade catingueirense.

O terceiro capítulo, que leva o nome do título do livro, entra no cerne da pesquisa. Mal-assombro é definido como a alma de uma pessoa falecida e que estabelece contato com o mundo dos vivos. Para os adultos, existem as almas “que aparecem para dar conselhos aos vivos ou trazer conforto em situações difíceis” (:112), enviadas por Deus, e existem também aquelas que intencionam “fazer o mal por meio de assombramento” (:113) e que são percebidas como enviadas pelo Demônio e não aparecem apenas na casa dos vivos, mas em lugares chamados pela pesquisadora de “não cidade” (:114), que podem ser a floresta, o cemitério, a zona rural etc.

As crianças reconhecem um leque bem mais amplo de mal-assombros. A lista de mal-assombros vai desde o vampiro e a bruxa até personagens de desenhos animados e sons. A lista diminui à medida que as crianças se tornam adultas e passam pelo processo de cristianização, o que as leva a considerar como mal-assombro apenas as almas dos mortos e sua relação com Deus ou com o Diabo.

A criança naturalmente vai se tornando religiosa à medida que se torna adulta, pois, lança mão dos mesmos processos utilizados pelos adultos para explicar os fenômenos de mal-assombro sob um prisma religioso. Portanto, podemos dizer que para tornar-se adulto em Catingueira a criança passa inevitavelmente por três processos fundamentais: cristianização, desdém com os mal-assombros infantis, e, por fim, a apropriação de conceitos cristãos para a explicação dos mal-assombros.

A conclusão dessa constatação é que “o processo de crescimento não culmina em secularismo. Ao contrário, culmina em uma conversão ao cristianismo” (:129). O capítulo se encerra tentando responder à seguinte questão: Quem tem medo de mal-assombro? A resposta é que os adultos temem mais os mal-assombros (devido às dualidades invariáveis entre Deus e o Demônio) que as crianças, que se utilizam com maior liberdade da imaginação no processo de criação e (des)criação do mal-assombro.

O capítulo quatro aborda o tema da religião pessoal. Aqui, a busca é pelos processos sob os quais os catingueirenses se tornam religiosos. Para tal, a pesquisadora faz o percurso que vai das percepções da criança pequena até chegar à idade adulta, quando a identificação de pertencimento a uma religião se completa. A pergunta é: Como uma criança pequena percebe a religião? A autora conclui que entre três e quatro anos de idade as crianças não desenham elementos estritamente religiosos quando o tema é “minha religião”, mas incluem naquilo que consideram religioso elementos considerados seculares para os adultos (casa, colegas, natureza etc). Contudo, a partir dos cinco anos de idade, observa-se o aparecimento de desenhos que restringem a temática a elementos tidos como propriamente religiosos (cruz, santos, igreja etc).

Isso não significa que as crianças pequenas vivam à parte da religião de seus pais, mas que elas ainda não percebem o universo religioso separado de suas vidas cotidianas. Desde pequenas, as crianças são inseridas na vida religiosa

da família e delas são exigidas atitudes religiosas, a exemplo do costume de “pedir a bênção”. Começa-se a pedir a bênção aos três ou quatro anos de idade. A prática, mesmo sendo de cunho religioso e realizada pelas crianças pequenas, não aparece em seus desenhos. Constatamos então, que ela se incorpora no cotidiano de tal forma que não mais se percebe como uma atitude religiosa, mas como uma coisa corriqueira do dia a dia. A religiosidade é algo tão forte e uma prática tão comum, que se age religiosamente sem se dar conta.

Percebe-se também que em atitudes como pedir a bênção, rezar e participar dos serviços religiosos, a família tem um papel importante. Nesse caso, não é errado dizer que religião se aprende em casa. Com relação à ida ao serviço religioso, observa-se que para a criança pequena, ir ao catecismo, à reunião dominical ou à reunião do centro espírita (e às brincadeiras que se sucedem nessas ocasiões) são atividades da mesma natureza. A pesquisadora se vale do conceito de antinomia<sup>1</sup> como cerne da religião, elaborado por Otávio Velho para dizer que assim como o adulto religioso não vê problema nas músicas e nos namoros das festas religiosas, a criança também não vê problema nas brincadeiras na aula de catecismo.

Outro aspecto da pesquisa é que para a criança pequena o ato de frequentar a igreja é fundamental para determinar sua maneira de se relacionar com a religião. O adulto, por outro lado, frequenta a igreja, mas atribui a essa atividade um significado que ultrapassa a decorrência do ato em si mesmo. Tal noção, que expande a experiência da presença para um sentido além da participação física, só é percebida à medida que a criança cresce, completando-se na chegada da idade adulta. Pode-se então afirmar que se aprende religião em Catingueira, primeiramente na família e depois na “concretude do ato” (:175). Os adultos por outro lado vão à igreja para se relacionarem com outras pessoas, com as entidades, e com o sagrado. Essa ideia, plena de novidades e de difícil compreensão, foi melhor desenvolvida em um artigo da autora já publicado em *Religião e Sociedade*, intitulado “Tornando-se adulto: uma abordagem antropológica sobre crianças e religião”<sup>2</sup>.

O quinto e último capítulo tem como objetivo observar o desenvolvimento do pensamento religioso de forma progressiva nas diferentes faixas etárias até a fase adulta. Para tal, a pesquisadora retoma os temas do mal-assombro e dos elementos religiosos surgidos nos desenhos, colocando-os em diálogo através das duas características que marcam o crescimento infantil: 1) “a restrição dos mal-assombros às almas”; e 2) a mudança da ênfase religiosa da congregação para as “entidades religiosas” (:185-6).

A partir da ideia de Bruno Latour no livro *Jamais fomos modernos*<sup>3</sup> e retomando o conceito de antinomia de Velho, a pesquisadora finaliza o livro afirmando que, tirando os fundamentalismos religiosos, no que diz respeito à religião “jamais fomos adultos”. Os adultos muitas vezes se comportam como

crianças no que se refere a religião, ou seja, vivem uma prática religiosa “em que reina absoluta a antinomia, o sagrado e o profano são partes de uma mesma unidade” (:182).

Enfim, o livro é de leitura agradável, sem cair em prejuízo o rigor metodológico e etnográfico. Trata-se de uma temática original e atualmente pouco trabalhada nas ciências sociais brasileiras. A capacidade do livro de “alterar as nossas próprias visões de mundo e do conhecimento acadêmico” (Velho idem:15), são as grandes qualidades deste livro, que segundo Léa Perez “já nasceu vocacionado a ser um clássico”.

### Notas

<sup>1</sup> VELHO, Otávio. (2007), “*Epistrophê*: do duplo vínculo às antinomias e de volta”. *REVER – Revista de Estudos da Religião*, nº 3: 123-44.

<sup>2</sup> PIRES, Flávia. (2010), “Tornando-se adulto: uma abordagem antropológica sobre crianças e religião”. *Religião e Sociedade*, nº 30 (1): 143-64.

<sup>3</sup> LATOUR, Bruno. (1994), *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Ed. 34.

**Rodrigo Otávio Serrão Santana de Jesus**

([rodrigosserrao@hotmail.com](mailto:rodrigosserrao@hotmail.com))

Mestrando em Sociologia pela UFPB e professor mediador do curso de Pedagogia da UFPB Virtual.